

ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE
 TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPODI

Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras
 Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS
TOMO I

Evidências fonológicas e lexicais para o sub-agrupamento interno Tupi-Guarani

Antônio Augusto Souza Mello (Laboratório de Línguas Indígenas - UnB)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um resumo da tese de doutorado intitulada *Estudo Histórico da Família Lingüística Tupi-Guarani: Aspectos Fonológicos e Lexicais*, defendida em março de 2000 na Universidade Federal de Santa Catarina (Mello 2000), com a apresentação de alguns resultados, como um novo sub-agrupamento interno das línguas Tupi-Guarani (TG). Trata-se de um estudo histórico-comparativo seguindo a metodologia clássica da lingüística histórica, com ajuda de tecnologia computacional que agiliza o trabalho do comparativista, principalmente quando se está buscando correspondências sonoras e seus respectivos exemplos.

2. PASSOS SEGUIDOS DO MÉTODO COMPARATIVO ESTRITO

Segundo Ross & Durie (1996), o método comparativo no seu sentido estrito segue os seguintes passos:

1. Determinar quais línguas constituem uma família lingüística.

Para as línguas da família TG, este passo já estava estabelecido antes do presente trabalho. Com relação à classificação interna de Rodrigues (1985), foi acrescentada ao estudo a língua dos índios Aurê e Aurá (classificada em Mello 1996), e retirada da classificação a língua Kokama, já que foi considerada em Cabral (1995) como língua não classificável geneticamente.

2. Estabelecer possíveis cognatos.

Foi construído um banco de dados lexical para quarenta línguas TG, com 1100 itens lexicais do português a serem pesquisados em cada uma das línguas TG. Para as línguas melhor documentadas, como o Tupinambá e o Guarani Antigo, bem como para a língua com que realizei trabalho de campo, o Guarani Mbyá, o preenchimento dos 1100 itens foi praticamente completo. Mas para línguas pouco documentadas, como o Guajá e o Anambé, o preenchimento foi de no máximo cem itens. Na família TG, os cognatos são facilmente reconhecíveis, mas para os duvidosos o Wordsurv (Wimbish

1989), um software destinado à análise histórico-comparativa, permite testar os possíveis cognatos e avaliar a Aforça de cognação de acordo com o número de ocorrências das correspondências fonológicas no banco de dados. Foram inseridos todos os dados lexicais das línguas TG coletados nesta pesquisa no módulo Adatabase do Wordsurv.

3. Obter correspondências sonoras.

Esta tarefa é também bastante auxiliada pelo programa Wordsurv. Ao digitar os dados no módulo Adatabase, deve-se manter alinhadas as correspondências a serem comparadas. O programa contará o número de correspondências e dirá em que fichas (virtuais) encontraremos exemplos para tais correspondências.

4. Reconstruir a proto-língua ancestral da família lingüística em questão.

a) Reconstruir a proto-fonologia da língua, baseado nas correspondências fonológicas obtidas em (3).

Também foi considerada aqui a reconstrução da proto-fonologia de Lemle (1971), com os acréscimos de Rodrigues (1998).

b) Reconstruir os proto-morfemas, tanto paradigmas morfológicos quanto itens lexicais.

Com relação a este subpasso, Mello 2000 deu uma considerável contribuição, aumentando de 225 itens lexicais reconstruídos anteriormente para 761 itens lexicais do Proto-Tupi-Guarani reconstruídos. Quanto aos paradigmas morfológicos, o trabalho principal é o de Jensen (1997).

5. Estabelecer as inovações (fonológicas, lexicais, semânticas, morfológicas, morfossintáticas) compartilhadas por um grupo de línguas dentro da família.

Depois de estabelecidos os cognatos, as correspondências fonológicas e as reconstruções lexicais, foi traçado o desenvolvimento fonológico para cada uma das línguas TG, marcando as mudanças incondicionadas, e mostrando exemplos, bem como as regras de mudança condicionada e os respectivos ambientes. As inovações fonológicas foram ressaltadas, para serem tabuladas em (6).

Quando as inovações lexicais e semânticas, para cada ficha do banco de dados foi feito um estudo de isoglossas lexicais. Marcando em um mapa as localizações das línguas, os lexemas derivados da proto-língua, e as diferenciações lexicais, foi possível o traçado de isoglossas, e assim estabelecer

grupos de línguas que conservaram o item lexical do Proto-TG, com as mudanças fonológicas particulares de cada língua, e os grupos de línguas ou línguas únicas que sofreram mudança semântica ou lexicais.

Quanto às mudanças morfológicas e morfossintáticas, estas não foram objetos de estudo deste trabalho. Focalizando trabalhos nesta área (Dietrich 1990, Jensen 1989, 1997), as evidências embaralham mais os possíveis subgrupos do que realmente ajudam. Quando elas forem melhor tabuladas sem dúvida serão também boas fontes de evidência para sub-agrupamento interno da família.

6. Tabular as inovações estabelecidas em (5), chegando à classificação interna da família.

O capítulo 2 da tese aqui resumida (Melo 2000) é dedicado ao estudo das mudanças fonológicas de cada língua da família. No capítulo 4 é feito o estudo das isoglossas lexicais, e no capítulo 5, intitulado "Evidências Fonológicas e Lexicais para Classificação Interna", são feitas as tabulações quanto a estes dois tipos de mudança.

Quanto às mudanças fonológicas, os seguintes critérios foram usados: a) Para mudanças consonantais: enfraquecimento e apagamento de *p (p > h > ø), mudança de *p^w, mudança de *p^j, espirantização de *t, conservação de *k^w, mudança de *k^j, queda de *ʔ, queda ou mudança de consoantes finais (subdividido em: queda de *k em posição final, queda de *m, de *n e *ŋ em posição final), queda ou mudança de *β, queda de *r em posição final, mudança de *ts, mudança de *tʃ, mudança de *j; b) Para mudanças vocálicas: síncope de vogal em sílaba inicial ou não acentuada, mudança de *i, mudança de *a para e, mudança de *e para i em ambiente não acentuado, nasalização de *a e mudança em i ou ï, mudança de *u para o, mudança de *u para a, mudança de *o para u, desnasalização, mudança de *a para ø e mudança de *e para a.

Quanto às diferenciações lexicais, as tabulações foram visualizadas nos mapas com a sobreposição, permitindo obter alguns feixes de isoglossas. Os seguintes critérios foram considerados na classificação interna: 1- As isoglossas isolam línguas em particular, 2 - As isoglossas isolam o subgrupo das línguas Guaraní, 3 - As isoglossas subdividem o subgrupo Guaraní, 4 - As isoglossas isolam o subconjunto III de Rodrigues (Rodrigues 1985), 5 - As isoglossas demonstram uma coesão dos grupos amazônicos, 6 - As isoglossas opõem os subconjuntos I e III de Rodrigues de um lado e os subconjuntos amazônicos de outro, 7 - As isoglossas isolam o subconjunto VI de Rodrigues e 8 - As isoglossas dividem o subconjunto VIII.

A partir das evidências fonológicas e lexicais, podemos detalhar a classificação interna de Rodrigues, propondo principalmente a divisão entre o Guarayo e o Sirionó (cada um em seu próprio subgrupo), algumas mudanças no rearranjo das línguas amazônicas, e a divisão do subconjunto VIII de Rodrigues em dois subgrupos. Foram propostos então os seguintes subgrupos:

<p>Subgrupo I</p> <p>Ia.</p> <p>Guarani Mbyá</p> <p>Guarani Antigo</p> <p>Guarani Paraguaio</p> <p>Ib.</p> <p>Chiriguano</p> <p>Chané</p> <p>Izoceño</p> <p>Ic.</p> <p>Guayaki</p> <p>Id.</p> <p>Xetá</p>	<p>Subgrupo VI</p> <p>Via.</p> <p>Asurini do Trocará</p> <p>Suruí</p> <p>Parakanã</p> <p>Vib.</p> <p>Tembé</p> <p>Vic.</p> <p>Tapirapé</p> <p>Vid.</p> <p>Asurini do Xingu</p>
<p>Subgrupo II</p> <p>Sirionó</p>	<p>Subgrupo VII</p> <p>Araweté</p> <p>Aurê e Aura</p> <p>Anambé</p> <p>Guajá</p>
<p>Subgrupo III</p> <p>Guarayo</p>	<p>Subgrupo VIII</p> <p>Wayampí do Jarí</p> <p>Wayampí do Amapari</p> <p>Emerillon</p> <p>Urubu-Kaapór</p>
<p>Subgrupo IV</p> <p>IVa.</p> <p>Parintintin</p> <p>Amundava</p> <p>Urueuwauwau</p> <p>IVb.</p> <p>Tenharín</p> <p>Karipúna</p>	<p>Subgrupo IX</p> <p>Tupinambá</p> <p>Língua Geral Amazônica (Kokama)</p>
<p>Subgrupo V</p> <p>Apiaká</p> <p>Kayabí</p> <p>Kamayurá</p>	

7. Construir um dicionário etimológico, apontando os empréstimos e mudanças semânticas para o léxico da família (ou para uma das línguas da família).

Talvez a maior contribuição da tese de Mello (2000) seja a classificação interna exposta acima. Mas foi feito também neste trabalho um primeiro esboço de dicionário etimológico, no capítulo 3, Reconstruções Lexicais e Cognatos. Neste capítulo são listadas setecentos e sessenta e uma reconstruções lexicais do Proto-Tupi-Guarani, com os respectivos lexemas nas línguas para que temos o dado em questão. No delineamento do verbete foram colocados primeiramente os cognatos, resultantes das diferenciações fonológicas relativas aos processos históricos de cada língua, e em segundo lugar as diferenciações lexicais, às vezes para grupos de línguas. Quando possível, os empréstimos são apontados e algumas mudanças semânticas são explicadas.

BIBLIOGRAFIA

- Cabral, Ana Suelly A. C. 1995. *Contacted Induced Language in Western Amazon: the Non-Genetic of Kokama Language*. Tese de doutorado, University of Pittsburg.
- Dietrich, Wolf. 1990. "More Evidence for an Internal Classification of Tupi-Guarani Languages", *Série Indiana, Suplemento 12*. Berlim: Gebr. Mann Verlag.
- Jensen, Cheryl. 1989. *O Desenvolvimento Histórico da Língua Wayampí*, Campinas: Editora da Unicamp.
- Jensen, Cheryl. 1997. "Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax", in *Handbook of Amazonian Languages*. Eds: D.C. Derbyshire e G.K. Pullum. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Mello, Antônio Augusto Souza. 2000. *Estudo Histórico da Família Lingüística Tupi-Guarani: Aspectos Fonológicos e Lexicais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Rodrigues, Aryon. 1985. "Relações Internas na Família Lingüística Tupi-Guarani", *Revista de Antropologia*, vols 27/28: 33-53. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Ross, M. e M. Durie. (eds). 1996. *The Comparative Method Revised. Regularity and Irregularity in Linguistic Change*. Cap.1 Introduction. Oxford e New York: Oxford University Press.
- Wimbish, John S. 1989. *WORDSURV: A Program for Analysing Survey Word Lists*, Occasional Publications in Academic Computing, Number 13. Dallas: Summer Institute of Linguistics.